

# TRIBUNA LIVRE

31  
JANEIRO  
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

## A PEQUENA IMPRENSA

Por EME

Não podíamos ficar alheios ao movimento renovador da Imprensa Regional que se vem processando por iniciativa do Senhor Secretário Nacional da Informação.

Depois da iniciativa, que bons frutos tem dado já, da fundação da Salada Imprensa, verdadeira assembleia do jornalismo, vem S. Ex.ª o Senhor Dr. César Moreira Baptista voltando os seus olhares, atentos e prescrutadores, para a eterna desprezada—a «Pequena Imprensa».

Ainda bem que os poderes públicos começam a vislumbrar a importância destes, heróicos periódicos da província em que cada número representa uma batalha ganha contra a falta de condições com que se debatem, que só a vontade indomável e «amor bairrista», que fazem milagres, conseguem incutir ânimo nos seus dirigentes e colaboradores para trabalharem sempre com a mesma afeição, «por amor à arte», como é vulgo dizer-se.

Mas será, precisamente, esta espécie de apostulado que vai tornando cada vez mais militante a boa imprensa regionalista, ciosa na defesa do «bem comum», esse «denominador» que baldadamente tem sido procurado, quantas vezes, por indiscutível culpa de alguns dirigentes locais que, armados em «sobas», espesnam todas as leis humanas e divinas, todas as regras da equidade e da justiça para satisfazerem os seus designios políticos, inconfessáveis, con-

trários à própria ética do Estado, decalcando, nem mais nem menos, processos demagógicos para servirem, egoisticamente, o feio pecado do orgulho.

A monomania do mando—do mando mal mandado!—não desapareceu da mente de muitos daqueles que deveriam, antes, ter por divisa: *servir*.

(Continua na 4.ª página)

## Novo Delegado do Instituto N. do Trabalho EM BRAGA

No próximo dia 2, toma posse em Lisboa, no Ministério das Corporações, o novo Delegado do I. N. T. P. em Braga. Excelentíssimo Senhor Dr. Frutuoso de Melo.

Pelo que sabemos sobre os dotes que ornaram tão distinto Magistrado, tudo nos leva a crer que a acção do novo Delegado vai ser coroada do maior êxito e que dele muito tem a esperar, na região, não só a organização corporativa, muito densa no Minho, e que tanto necessita de carinho, como também as classes operárias e patronais.

Numa região da maior densidade populacional do País, e em contra partida, onde se localiza, em mais proporção, uma fraccionadíssima indústria e co-

## «Comentários»... Para Quê?!...

Nos «comentários» do jornal «Correio do Minho» de 18 do mês corrente, vê-se que o seu autor sabe avaliar bem o que é a vida dos pobres em casebres superlotados e imundos, existentes em Braga, por não poderem pagar rendas superiores a 150\$00 mensais, expondo ali o problema com clareza tal que deveria chocar a sensibilidade das pessoas responsáveis, à testa desse concelho, que nada têm feito para obviar a esse mal.

Realmente, a modernização da cidade em nada tem bene-

(Continua na 4.ª página)

## UM MONUMENTO a Sá de Miranda

Com a devida vénia, transcrevemos, de «O Primeiro de Janeiro», mais um artigo sobre o monumento a Sá de Miranda, saído da pena brilhante de Anibal de Mendonça, do qual se deduz, bem claramente, como o momentoso assunto também mexeu com a sua sensibilidade de cidadão e de homem de letras.

«Com aprazimento muito sincero se recebeu agora a notícia de que a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização comunicara ao Governo Civil de Braga haver sido incluída no futuro plano de melhoramentos urbanos do vizinho concelho de Amares a construção de um monumento ao grande poeta quinhentista Francisco de Sá de Miranda, o Séneca português, como lhe chamaram, num local da Feira Nova, daquele mesmo concelho.

Celebrou-se em 1958 o 4.º centenário do falecimento do insigne vate na Quinta da Tapada e era decerto essa a data eleita para então se consagrar condignamente a sua memória, mas deixou-se passar o tempo sem qualquer testemunho de apreço oficial e o seu nome, a propósito dessa efeméride, foi apenas aqui e além episódicamente recordado.

É evidente porém, que vale mais tarde do que nunca e, por isso, é saudada com particular simpatia a deliberação de lhe prestar enfim a devida homenagem, cultuando a sua memória de notável artista e de homem superiormente dotado de aptidões morais e intelectuais.

(Continua na 2.ª página)

## CARTA DE VIEIRA DO MINHO

### A ASSEMBLEIA DA MISERICÓRDIA

Estava marcada para o dia 25 do corrente, às 14 horas, a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Vieira, a qual não se realizou por falta de número.

A convocação foi feita deficientemente pois não se especificou, como mandam os estatutos, os fins da reunião, fins que pela sua importância bem mereciam ser desde logo levados ao conhecimento de todos.

Continuando os desvios da legalidade estatutária, a mesa da assembleia não se constituiu devidamente e assim aconteceu que o provedor se não fez ladear do secretário nem de quem o deveria substituir em legal impedimento, além de que se permitia a presença a quem não era «irmão».

Embora a reunião fosse adiada para 15 dias depois, o sr. Dr. Carrilho aproveitou a oportunidade para algumas considerações sobre a pretendida venda dos prédios que aquela instituição possui em Braga, mostrando a sua relutância em votar favoravelmente a pretensão e alvitando que, se os prédios não dão renda compensadora, se proceda à sua elevação e de 5 em 5 anos se requeira a sua actualização.

O facto da renda não condizer com o valor dos prédios é bem um sintoma de uma administração pouco cuidada-

sa, que tem permitido essa anomalia, dado que todos são concordes em que os prédios são bons e bem situados; a venda de prédios em Braga com o rótulo de que é para fazer outros em Vieira, é outro sintoma...

A mesa procedeu a obras que custaram muitas centenas de contos e nunca disse

(Continua na 4.ª página)

## Presidente da Câmara

De Lisboa, regressou na passada segunda-feira, o sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorenna, presidente da nossa Câmara, que nos deu a honra de vir à redacção agradecer as referências e condolências que lhe dirigimos pelo falecimento da sua tia-avó D. Maria Ana Machado Castelo Branco Bercuo.

Em Lisboa, aquele magistrado administrativo tratou de diferentes assuntos de muito interesse para o nosso concelho, aos quais fará referência no próximo número deste Jornal, numa entrevista que se dignou prometer-nos.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

A pedra armoriada de uma sepultura, que existiu acima da porta lateral, depois de muitos tombos, só dela restam dois fragmentos metidos no patamar de uma das escadas da residência. Pedra de *ançã*, em um deles reconhece-se ainda o brasão oval (próprio dos eclesiásticos e das almas) encimado pelo chapéu com as insígnias de abade. Pela coincidência das datas, não estará longe da verdade tratar-se do já referido Simão Pereira da Silva e ter o mesmo sido autor da portaria nobre (1782) do antigo presbitério.

Esses velhos e espaçosos aposentos foram muito reduzidos, podendo considerar-se feita de novo a futura residência, em vias de conclusão, de linhas modernas, sóbrias e elegantes, a que não parece ter sido estranho o traço de um admirável companheiro desta visita, cuja modestia não quero ferir mais uma vez.

Tem bom passal e foi arrematado em Lisboa, de mando dos paroquianos.

(Continua na 4.ª página)

## ESCOLAS E PROFESSORES

Graças ao plano dos Centenários, concebido pelo Governo com o propósito inabalável de exterminar o analfabetismo, vêm-se por toda a parte edifícios escolares elegantes, higiénicos, a indicar aos alunos que ali começa a vida de limpeza em todos os sectores primordiais.

Desde a intrusão civil e religiosa ministrada por professores habilitados e pacientes até ao ambiente acolhedor dos edifícios, tudo é decente.

E' claro que essas crianças que povoam esses jardins infantis, ao chegarem a casa, de regresso dos seus estudos, já não encontrarão o mesmo am-

biente. Nem todas, é claro, e como estudam 1, 2, 3 e 4 anos, pode acontecer, que ao chegar ao último ano e como já devem raciocinar bem, possam ensinar os de casa a serem limpos, apesar de pobres, e a serem educados, evitando a condenável linguagem depravada, embora motivos oriundos de dificuldades financeiras concorram, quase sempre, para o desespero e para o «palavrão».

E' de crer por tudo isso que uma geração aproximada do perfeito se vá criando, não se devendo esquecer que muitas vezes uma sopa numa cantina

(Continua na 2.ª página)

# TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

## UM MONUMENTO A SÁ DE MIRANDA

(Continuação da 1.ª página)

Faltarão depois resolver — e há quantos anos se tem apontado o caso ao ponto de chegar à Assembleia Nacional! — o doloroso problema do abandono do seu túmulo a desaparecer aos poucos na minúscula freguesia de S. Martinho de Carrazedo, também do concelho de Amares, onde jaz seu filho Jerónimo, mas seria absurdo que se lhe levantasse um monumento entre acordes festivos e palavras loudatórias, e não se cuidasse, do mesmo passo, do arranjo e da valorização defensiva da sua última morada: ninguém acredita que uma coisa não implique a outra.

Sá de Miranda nasceu em Coimbra, em Agosto de 1481, formando-se em Direito Civil pela sua Universidade, e veio a finir-se, desiludido das vaidades mundanas, em 15 de Março de 1558, da sua casa e Quinta da Tapada, fascinado pela bucólica paisagem minhota, na antiga região de Entre Homem e Cávado, que percorreu de ponta a ponta no decurso de uma tranquila existência levada em plena Natureza, como se fosse um simples aldeão nunca separado do termo da sua freguesia natal.

Ali escreveu e poeta em português e castelhano; ali casou com D. Briolanja de Azevedo, falecida em 1555, e que lhe deu dois filhos: Gonçalo Mendes de Sá, morto em combate em Ceuta, e Jerónimo de Sá, que deixou de si lastimável recordação como caluniador e assassino, e a que Camilo se refere no seu livro «A Corja»; ali curtiu muitos desgostos, trazidos pela morte do príncipe D. João, filho de D. João III, do infante D. Luis e do próprio soberano, que grandemente o admiravam e estimavam; e ali terminou os seus dias o que foi, no dizer autorizado de D. Carolina Michaëlis «o chefe inconstado da Escola italiana, o introdutor do teatro clássico», sem dúvida o poeta mais popular dos séculos XVII e XVIII.

Filho do cônego Gonçalo Mendes de Sá e de D. Inês de Melo, irmão de Mem de Sá, que foi governador do Brasil, era, conforme se descreveu no seu retrato na edição de 1641 das suas obras, um homem «grosso de corpo, de meã estatura, muito aluo de mãos, e rosto, com muito pouca cor nelle, o cabelo preto e corredio, a barba muito povoada, e de seu natural crescida, os olhos verdes bem assombrados, mas com alguma demasia grandes, o nariz comprido e com cavallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mais facil e humano na conversação, engraçado nela com bom tom de falla e menos parco em fallar que em rir...»

Depois de um largo interregno pela Itália, onde travou relações com famosos artistas, regressou a Portugal trazendo novas concepções da poesia e dos seus moldes clássicos. Rompendo ousadamente com as formas arcaicas da Idade Média, apresentou o soneto, o terceto, os versos encadeados, as oitavas, as sextilhas, as canções, as elegias, as églogas e os epítáficos. Fê-lo, todavia, sem desprezar ou diminuir a forma portuguesa; pelo contrário, apurou-a, requintou-a, enriqueceu-a nos seus ritmos líricos pela singeleza e pela emoção, cultivando com esmero a redondilha maior e menor, e assim abriu com largueza uma nova era ao teatro e à poesta nacional. E isso o distingue então soberanamente como um emancipador, conquistando-lhe a admiração da corte, a que enfim consegue fazer chegar o refinado bom gosto da Renascença em confronto declarado com os velhos e gastos modelos do Concioneiro de Resende e as receitas rançosas dos extensos poemas didácticos do marquês de Santilhana e de João da Mena.

Sendo um inovador, é deste lago imitado, seguido, aclamado. O seu drama «Alexo» é representado diante de D. João III; a farsa «os Estangeiros» considerada a primeira comédia portuguesa em prosa; a «Fábula do Mondego» constitui uma notável réplica à «Divisa da Cidade de Coimbra», de Gil Vicente, por quem parecia não nutrir grande apreço; e as suas sátiras marcam um dos pontos mais altos no voo do seu génio.

Mas Sá de Miranda acaba por se enfadar tanto dos ditirambos de que o cercam como das intrigas e frivolidades palacianas. Decide-se a refugiar-se na vida campestre minhota, numa vasta zona embriagante de doçura panteista, entre veigas mimosas e montados rústicos onde nascera D. Gualdim Pais, o grão-mestre da Ordem dos Templários. Desses lugares se haveria de enamorar até ao fim da vida. O rei concedeu-lhe por essa altura a comenda de Santa Maria das Duas Igrejas. E mais calmamente agora prossegue compondo deliciosos vilancetes, cantigas, glosas, quintilhas e sextilhas em que a inspiração e o pensamento se casam magnificamente.

Leiam-se, por exemplo, estes conceituosos tercetos sobre o amor, de uma tão correntia simplicidade:



«Amor é senhor grande e não se guia  
Por interesses vis, dar e tomar,  
E seu trato não é de mercancia;

Amor é um bem que corre sem parar,  
Que não sabe pôr nódoas de suspeitas  
Na fé, nem inquirir, nem duvidar;

Não ergue ao ar figuras contrafeitas,  
Como vemos às tardes nuvens raras,  
Em pouco espaço feitas e desfeitas;

Não tem contra-sinaes, nem almenaras;  
Não manda escuitas fora; ahi é paz boa,  
Correm das fontes claras ágoas claras.»

A Quinta da Tapada converteu-se por isso no «templo das almas cujos oráculos e revelações eram escutados com o maior respeito pelos poetas mais distintos da nova geração, templo, centro do qual partiam os exemplos e os impulsos que brevemente determinaram a nova renascença da poesia portuguesa», como muito bem escreveu Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

O seu casamento com D. Briolanja de Azevedo, da casa de Castro, de Carrazedo, irmã do poeta Manuel Machado de Azevedo, a quem dedica algumas das suas estrofes, mais vem radicar a sua presença nesse maravilhoso recanto de augusta serenidade, longe dos treds fascinações da corte. As suas alegrias e os seus triunfos alternam com as suas agruras como é próprio da condição humana, enquanto o seu estro sobe galhardamente e alcança sempre maiores possibilidades estéticas graças à transplantação segura e engenhosa do metro italiano.

A sua glória está, portanto, imperecivelmente ligada a toda aquela dulçorosa paisagem banhada idilicamente pelos rios Homem e Cávado, que tanto a fertilizam e tão amorosos se mostram no traçado dos seus contornos. Apesar de ter nascido em Coimbra foi aí nessa atmosfera que tanto evoca algumas das páginas mais rutilantes e decisivas da nacionalidade, com os seus pomares rescendentes, os seus conventos hoje em ruínas, os seus castros e as suas graciosas casas senhoriais, que ele encontrou o manancial abundante para as suas locubrações e para o supremo anseio de as vazar em delicados e subtis moldes.

Erigir um monumento em sua memória, dando corpo a um antigo sonho das populações locais, equivale, pois, a praticar um acto de gratidão e de justiça e, ao mesmo tempo, a consagrar, de modo tangível, as próprias belezas e as próprias virtudes de uma região que tão profundamente soube cativar a alma do excelso poeta, moralista e travador de inigualável estilo no mundo quinhentista peninsular. — A. M.

Anunciai e propagai a «Tribuna Livre»

### Uma Revista Literária

de intercâmbio luso-espanhol

A conhecida revista cultural «ALOR», que se publica há 8 anos em Badajoz, sob a direcção do poeta e ensaísta Francisco Rodrigues Pereira, passou a circular em Portugal e Espanha como mensária de intercâmbio luso-espanhol. Nesta «revista de poesia e cultura luso-hispanas» colaboram os maiores nomes da Literatura espanhola e da América Latina.

Colaboradores portugueses: Amândio César, Amorim de Carvalho, António de Certima, Cabral do Nascimento, Correia da Costa, Egito Gonçalves, Emiliano Coste, Eugénio de Andrade, Hugo Rocha, Jorge Ramos, Jorge de Sena, José Osório de Oliveira, José Régio Mário Beirão, Miguel Torga, Miguel Trigueiros, Natércia Freire, Oliva Guerra, D. r Reis Brasil, Sofia de Mello Breyner, Taborda de Vasconcelos, Tomás Ribas, Tomás Vieira da Cruz, Urbano Tavares Rodrigues e Virginia Vitorino. «ALOR»: Hernan Cortez, 4 - Badajoz - ESPANHA.

### Escolas e professores

(Continuação da 1.ª página)

na escolar não existia e que de casa dos pais não se levava a tradicional «codea» de pão de milho para entreter o apetite porque não o havia.

As professoras dirão também que o seu «calvário» foi ali; que a escola é muito triste porque as lindas escolas não tinham residência e tiveram de se sujeitar a um «presépio». Todos estes precalços originados talvez por um lapso de origem ou «falta de lembrança».

Mas nada é para comparar com vergonha arrastada desde tempos imemoriais — valha-nos a iniciativa particular de condes e viscondes como o de Ferreira, cujos brasões sintéticos ainda nos vieram salvar de derrocada maior — a que o Governo acaba de pôr cobro definitivo embora com grandes despesas imóveis e permanentes para a Nação, mas que sem esse sacrifício continuáramos a desprezar o que de maior valor e mais precioso pode ter o ser humano; e se há imperfeições é porque ainda se admite um corpo docente com conhecimentos pouco capazes de satisfazer integralmente a espinhosa missão para que o destino empurra muita gente por vezes empurrados sem saber para onde vão... mas ficam e sentem-se bem.

Elísio Gonçalves

Visado pela Censura

# TRIBUNA do CONCELHO

## CAMPANHA DO CIMENTO

### PARA O NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Uma oferta de 600\$00 do Sr. Manuel José Fernandes

Continuam a afluir à Direcção deste Jornal e à Secretaria da Associação dos Bombeiros Voluntários, donativos para a Campanha do Cimento.

A juntar ao substancial donativo de 50 sacos oferecido pelo benemérito Sr. António Maria Velloso, no Brasil, chegaram agora mais subsídios, acentuadamente de filhos desta Terra e do Concelho, espalhados pelas cinco partes do Mundo, que em gestos de generoso bairrismo e acendrado amor à terra mãe, nos vêm dizer: *continuem, nós mesmos de longe estamos convosco.*

É pois com a maior das gratidões que a Direcção vem publicar o nome e donativos de mais os Ex.mos Senhores:

Manuel José Fernandes — Lisboa	600\$00
António José da Costa Machado — Canadá	10 sacos
D. Cândida Augusta de Almeida — Prozelos	1 >
D. Maria Pereira — Rio de Janeiro	2 >
Francisco da S. Azevedo — Beira-Moçambique	150\$00
Elísio M. Rebelo (Paranhos) Carzedo, em África	5 sacos
José Alves da Silva, no Porto	50\$00
Jose Rodrigues, da Amadora	50\$00

Pelo que encerra de generosidade e circunspecção, transcreve-se a carta do benemérito Sr. Manuel José Fernandes:

*Excelentíssima Direcção dos Bombeiros Voluntários de Amares:*

Cumpr-me responder à vossa circular, que mereceu a minha especial atenção.

Junto à presente um vale dos C.T.T. de Esc. 600\$00 (seiscentos escudos), importância esta com que contribuo, com o maior prazer, para o vosso novo Quartel.

Para uma obra de fins tão altruístas, em que tantas aldeias desse concelho vão beneficiar dos vossos serviços sempre prontos e desinteressados, não faltarão, certamente, pessoas ao vosso dispor para contribuir na medida dos s/ recursos.

Que Deus abençoe a vossa Associação e lhes proporcione as maiores possibilidades de engrandecimento, são os votos do que se subscreve, com a mais elevada consideração e estima,

De V. Ex.as

Attos., Vnr. e Obdo.

Manuel José Fernandes

Rua da Prata, 61-63—LISBOA

Agradece reconhecida.

A Direcção

## AMARES

### Posto de Sanidade Vegetal

Pelas 14 horas do dia 23 de Janeiro corrente, compareceram no Posto de Sanidade Vegetal do Grémio da Lavoura de Amares, os ilustres Engenheiros Agrónomos, Pereira Gomes, da Repartição de Serviços fitopatológicos, Entrudo Júnior, da mesma Repartição e João Vasconcelos, director do Posto Agrário de Braga.

A sua chegada foi recepcionada por altas individualidades do concelho, lavradores sócios do Grémio e todos os funcionários.

Nove futuros tratadores de plantas aguardavam S. Ex.cia para serem examinados quanto às suas aptidões para desempenharem os trabalhos agora iniciados de podas em fruteiras e videiras, tratamentos fitopatológicos em árvores frutícolas, especialmente citrinos.

Depois de examinados foram esses homens considerados aptos para o serviço que o Grémio agora com coragem vai enfrentar a bem da nossa agricultura.

O Sr. Engenheiro Vasconcelos encerrou com uma brilhante lição essa magna reunião e agradeceu a companhia dos presentes. Contando com a compreensão da Lavoura para auxiliar o interesse do Governo para enriquecer e valorizar a nossa depauperosa agricultura. Entre as pessoas de mais destaque vimos o Sr. Dr. Arantes Rodrigues, Dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Assembleia Geral do Grémio, Dr. Aristides Marques Vilela, preponderante figura da vida agrícola, Prof. Alexandre Antunes, Dr. Avelino da Silva, presidente da direcção do Grémio, Frederico Colona, João Barbosa de Macedo pela Tribuna Livre e Elísio Gonçalves pelo Diário de Notícias.

Os Podadores são:

Angelo Menezes, Agostinho de Jesus Gonçalves, Antonio da Silva, José da Silva, José Maria Mota, Manuel Pereira da Cruz, (Daião—Viana do Castelo), Avelino Alves de Sousa, (Facha P. do Lima); António de Barros Laranjo, (Facha P. do Lima); José Ribeiro, de Braga. C.

## A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

## BOURO

### Inauguração de um moderno lagar de Azeite

Foi inaugurado em um dos dias da última semana, nesta localidade, mais um lagar de extração de azeite, o qual está equipado com os mais modernos maquinismos e óptimas condições de higiene, garantindo assim o melhor conforto às pessoas que ali permanecem e obtenção de maior rendimento na produção a que se destina.

A convite do seu proprietário, Senhor Mário Fernandes Almeida, pessoa muito bem relacionada nos meios sociais, e a quem temos o prazer de chamar digno filho desta terra, fomos assistir à extração do primeiro azeite ali transformado, podendo então apreciar a capacidade dos homens da actualidade, pelas importantes máquinas que neste lagar se encontram em funcionamento.

É com este, o segundo lagar moderno, que Bouro se ufana de possuir, visto que tanto honram esta localidade, merecendo por isso os seus fundadores, os nossos sinceros parabéns.

Passando agora ao comentário, a que a própria crónica nos convida, ajuizemos o desenvolvimento industrial a que poderíamos estar submetidos, se Bouro possuísse o tão almejado melhoramento da electricidade.

É deveras lamentável a falta deste importante benefício, que lança ao completo abandono e até total paralisia, uma terra dotada de homens de dinamismo pouco vulgar e, portanto, capazes de a fazer progredir tal qual ela merece.

A que descalabro poderá chegar a nossa terra, se esta paralisia não encontra muito breve a sua verdadeira cura? Responda quem tiver a completa noção do eminente precipício para que caminhamos. Onde estão os nossos homens de amanhã? Como será possível o progresso? A nossa juventude é forçada e esquecida a sua terra natal, ausentando-se para os diferentes pontos do País e até para o estrangeiro, regressando, talvez, quando já a sua avançada idade nada lhes permitir fazer.

Tal não acontecia, se estes homens aqui encontrassem colaborações que lhes garantissem a sua subsistência mas para isso seria necessário o desenvolvimento de indústrias, que estamos certos surgiriam se a electricidade chegasse até nós.

Surgiriam, voltamos a repetir; e a confirma-lo estão os dois modernos lagares que já referimos, onde os seus proprietários gastaram algumas dezenas de contos, tendo até um dos referidos, a funcionar junto ao lagar, uma serração de madeiras, que não pode desenvolver dada a diminuta

força motriz (queda de água). Além disso, conhecemos freguesias que nem ao menos têm uma estrada que a elas conduza, e por isso muito longe de atingir o valor que Bouro já possui há muito tempo, mas o certo é que já estão electrificadas, e Bouro espera resignadamente a electrificação há mais de 15 anos.

Confiados no espírito de justiça dos homens a quem a Nação confiou os seus destinos, cremos que breve gozaremos este tão belo como importante benefício.

A. Fernandes

## Carta de Vieira do Minho

(Continuação da 1.ª página)

aos «irmãos» isto que superiormente foi resolvido e lhe foi comunicado pela Direcção Geral:

«Nesta ordem de ideia, melhor fôra que Vieira do Minho desviassem para as actividades menos espectaculares da zona assistencial em estudo, as suas possibilidades de realização e entusiasmo de acção, a pensar gastar receitas e montar, tão próximo de Braga, um centro cirúrgico que fatalmente há-de ser sempre deficiente a menos que o Hospital da própria cidade, por louca utopia, para ali deslocasse serviços impossíveis de duplicar em áreas tão próximas.»

Está lá nos arquivos, mas guardado, muito guardado, para que cá fora se não saiba que foram em pura perda as centenas de contos que se gastaram.

Estes e outros casos servirão, certamente, para impedir alienação injustificada dum património que cima de tudo sempre defender e não desbaratar.

## HUMORISMO

### Conversando

—É o senhor que deseja ocupar o lugar vago na minha casa?

—Sou sim.

—E tem experiência da casa?

—Tenho sim; quando era tropa, tocava tambor no meu quartel!...

### Venho outro

O marido adoeceu e foi passar alguns dias fora, para mudar de ares.

Na volta vinha bom. A mulher perguntou:

—Então, como te achas?

—Bom, venho outro.

—Ainda bem; que eu já estava toda enfastiada do primeiro.

## Carragedo

### Novos Juizes de Direito

De entre os candidatos para Juizes de Direito recentemente examinados e aprovados contamos, por termos lido, o sr. Dr. João Arantes Rodrigues, natural de Rendufe.

Nosso vizinho e a quem por isso, contamos no rol dos amigos, nossos, pedimos-lhe licença para publicamente o felicitar, não para incentivo das suas qualidades mas lhe lembrar que esperamos dele sempre o que ele deseja para si, boa justiça, como boa é agente da sua terra que tanto exultou com a alviçareira notícia.

### Aniversário

Completo mais um aniversário natalício na semana finda, a gentil menina Maria Magnífica Russel Pereira,

gentil filha do sr. Horácio José Pereira e de D. Ernestina Russell Pereira, natural desta freguesia.

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—O Sr. Dr. Frederico Pedrosa Colona e o Sr. Julio Pereira.

Segunda-feira—A Srna. D. Candida Pedrosa Colona.

Terça-feira—O Sr. Manuel Tomé Gonçalves.

Quarta-feira—O Sr. António dos Santos Freitas e a menina Teresa de Jesus Pereira Sarai-va.

# MONOGRAFIA DO CONCELHO A PEQUENA IMPRENSA

(Continuação da 1.ª página)

Na porta da capela-mor para a sacristia, tem a data de 1782; sobre a pia da água-benta, está do lado oposto um resto de serafim, resto na talha e da arte da antiga igreja.

No púlpito aplicou-se, barbaramente, passe o termo por ser o melhor que classifica o acto, um antigo frontão de madeira que, do mal o menos, conserva as pinturas primitivas em ambas as faces com que servia. Já se vê, fizeram dele três panos, quantas são as faces do dito púlpito, visto ter escada à vista.

Campanário para dois sinos, mas, «quando toca um tocam todos» e registre-se a favor do senhor abade João Martins de Freitas.

A pia baptismal é esbelta; tem forma de calix, sem quaisquer labores.

Possui a cruz floretada, paroquial, das que mandou distribuir o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Consta que houve aqui uma capela pública, da invocação do Mártir S. Sebastião, a qual já em 1880 ameaçava ruína.

À margem da estrada, que por este lado serve T. de Bouro, está o Calvário, data de 1899, com boas imagens dos Senhor dos Passos e das Dores; ali perto um cruzeiro (1949) comemorativo dos Centenários

*De Sancto Pelagio de Sequeiros (1220)... Et de casali de Ramalia (hoje lugar)... E alguns vão à entrovicada.*

## SERAMIL

Principia a dividir-se os limites de S. Paio de Seramil com as circunvizinhas, como bem a saber-se da parte do Norte principia esta divisão com freguesia de Santa Marinha de Chorense no marco chamado *Penacova*, e no qual também divide com a freguesia de Santa Marta de Bouro, aonde as ditas Igrejas íntegram, e partem seus dizimos, e e do dito marco acima mencionado vai correndo este limite da freguesia de S. Paio (de Seramil) pelo cume do Monte direito ao sítio chamado o *Marco da estrada* no qual divide esta freguesia também com S. João da Balança, e aqui acaba de partir esta freguesia com Santa Marinha de Chorense, isto é, da parte do Poente.

(Continua no próximo número)

## «Comentários»... Para quê?!...

(Continuação da 1.ª página)

ficiado a pobreza, porque somente ali se têm construído casas cujas rendas são de 400\$00 para cima. Mas enche-se a boca de que Braga se moderniza sem se reparar naquela lacuna, e em que os humildes decerto se vingam, indicando aos turistas que percorrem que vejam bem os seus antros e ruelas miseráveis.

Esta vingança é justa e humana, uma vez que, mais de há 20 anos para cá, nem o Estado nem a Câmara Municipal mandaram construir casas de renda para pobres, antes, pelo contrário, muitas dessas casas foram deitadas abaixo para dar lugar a grandes prédios, e, se não fora a santa Casa de Misericórdia... muito pior tudo isto estaria.

Temos em Braga uma Delegação dos Serviços de Urbanização que lhe deveria competir informar superormente estas incongruências, e impedir que as entidades camarárias não voltem os olhos apenas para o lado Sul da cidade. No entanto, percorrendo as «Ilhas» «Bairros», as «Congostas», as «Semi-avenidas...», etc., ficamos sem perceber para que existe essa Delegação... porque a urbanização está à vista!!!...

Não seria bem melhor para a referida urbanização, que esses antros de lixo e misérias desaparecessem?!... Não seria mais justo e humano construir-se um bairro de 500 casas

pequenas para os pobres que vivam como a sardinha na canastra nessas ruas imundas?!... Não a ham que já há casas de rendas grandes demais, com escritos para alugar, há largos tempos?!...

Para que inventar... mais ruas em Braga quando falta fazer tudo aquilo?

Bem haja o autor dos «comentários» de jornal referido, porque abordou um tema candante na alma dos pobres de Braga.

(a) Um leitor

## Novo Delegado do Instituto Nacional do Trabalho

### EM BRAGA

(Continuação da 1.ª página)

no comércio e industria, que não tem tido a protecção devida e vive em constante sobressalto.

Sabemos que estão em suspenso, problemas do mais elevado grau para alguns organismos corporativos e sobretudo para a indústria de Panificação, que urge resolver.

Nesta indústria, a simples manutenção das condições de trabalho tal como são impostas e que colocam o industrial como constante transgressor, para poder servir bem e a tempo o consumidor, é uma aberração.

Estamos no entanto agora esperanças que tudo será analisado e que a justiça corporativa em que sempre acreditamos, surgirá.

(Continuação da 1.ª página)

Servir, colaborar, cooperar, deverá ser a trilogia do homem público moderno, actuante, despido da falsa mentalidade de mandar até à arbitrariedade, até ultrapassar a barreira da prudência, até desprezar as mais comestíveis noções do «bom senso».

O Imprensa Regional pode e deve ser colaboradora activa na depuração política que é mister levar a cabo por esse Portugal além, remoçado embora, mas ainda bastante desarticulado em certos sectores da vida nacional, sem a sincronização necessária entre os poderes constituídos e o público, que devem conservar-se em actuante e dinâmica cooperação.

A «Pequena Imprensa» deverá ser como que o «pulso» do doente, a denunciar o ritmo do «Coração»; assim será desde que a façam realmente independente e à sua volta se reunam os verdadeiros valores locais, dignos e isentos, sempre prontos e atentos à defesa do interesse da grei.

E só assim a «imprensa» servirá a «opinião pública», convenientemente—poderíamos mesmo dizer, constitucionalmente—visto que esta é, segundo a Constituição «elemento fundamental da política e da administração do País», e aquela, «exerce função de carácter público».

O Secretariado, dando vida à Imprensa Regional, enquadra-se perfeitamente no seu papel de órgão de «informação e cultura popular», ao mesmo tempo que contribui com a sua feliz iniciativa para formar a «opinião pública» em moldes mais sólidos, tornando actuante este precioso «elemento fundamental da política e da administração», que nunca é demasiado destacar.

Vem a propósito lembrar, precisamente, que devido ao desprezo a que se havia lançado a «opinião pública», por falta de informação oportuna e conveniente, de que muito bem poderia ser veículo seguro a Imprensa Regional, se tem visto lavrar em muitas terras a «cizânia» política, o próprio descrédito do actual regime, por pouco se ter ligado a esta força que é a «opinião pública» e que, constitucionalmente, se reconhece como «elemento fundamental»—e realmente, o é!

A cultura popular, de que tanto se fala, não poderá também ser exercida eficazmente através da Imprensa Regionalista?

E' evidente que sim; e, neste particular, com mais eficácia do que propriamente na Imprensa Diária, mais dispersiva e, portanto, menos eficiente.

A «Pequena Imprensa, me-

A sua Ex.cia auguramos, pois, os maiores louros no cumprimento do importantíssimo cargo, fazendo votos que a tarefa seja fácil e de bons frutos, conjugando os interesses de todos.

nos fastidiosa, lê-se geralmente de um folego, com interesse; precisamente devido à sua pequenez, torna-se de leitura rápida, acessível ao pouco tempo de que o leitor geralmente dispõe; por isso, poderá ser valioso elemento de cultura popular, quando bem orientada, até porque o seu preço é muito mais modesto.

Não deve, porém, a Imprensa Regional eivar-se de servilismo político, pois só obterá na independência que mantiver, todo o valor da sua «função de carácter público»

ao serviço da «opinião pública».

Teve a palavra a Imprensa Regional do Sul, que assim lançou o primeiro degrau de acesso ao convívio com o S. N. I. e lhe deu a conhecer os seus problemas e anseios; seguir-se-à a conferência da Imprensa Regional do Norte, que muito também terá a dizer neste processo de renovação, que poderá trazer novo sopro à vida nacional, pela feição popular de que se revestem os seus órgãos.

Que seja possível encontrar-se as soluções adequadas, são os nossos melhores votos.

EME

## Visado pela Censura

### TRIBUNA DO CONCELHO

#### CAIRES

## Sagrado Lausperene e festa do Padroeiro

Nos próximos dias 1 e 2 de Fevereiro, vai realizar-se, mais uma vez, este ano, a festa jubilar e esplendorosa do Sagrado Lausperene em que Nosso Senhor Sacramentado fica solenemente exposto à Adoração de todos os fieis no altar da Tribuna belamente dourada e brilhantemente iluminada e electrificada; Adoração esta que é feita durante 24 horas consecutivas durante uma noite e um dia inteiro. É uma devoção nova mas muito do agrado do nosso povo que se sacrifica de dia e noite, para que Nosso Senhor nunca fique sozinho mas tenha sempre muitos e bons adoradores. Organizou-se uma extensa relação de zeladores e zeladoras em todos os lugares da freguesia para se cotisarem entre si, afim de fazerem face às despesas desta imponente festividade, entre as quais avulta a cera própria das Adorações, luz eléctrica, velas automáticas, alfaias, três passadeiras novas e um lindo tapete vermelho a estrear este ano no supedâneo do Altar Mor. O SS.mo Sacramento tudo merece.

As briosas zeladoras são incansáveis em ornamentar brilhantemente o Altar Mór da Igreja, bem como a linda Tribuna que o Senhor Arcebispo Primaz muito agraciou e louvou o seu estado de conservação, graças também ao trabalho insano e desinteressado do nosso mestre pintor Domingos José Brandão, a quem de novo lhe reintegramos os nossos profundos agradecimentos em nome de Deus Nosso Senhor, que muito bem paga a quem o serve. O nosso Sacristão-Adelino da Silva-(o Moleiro) brioso e geitoso como sempre e como nenhum é digno das nossas felicitações.

Damos a seguir o programa e os respectivos horários desta singular festividade.

As 17 horas, Missa vespertina cantada solene com comunhão e sermão e adoração geral para todo o povo da freguesia.

A seguir, organizam-se os respectivos turnos de cada lugar, tendo cada um o seu chefe para presidir às orações, reza do terço, grupo coral, meditações, etc. ficando as horas assim

distribuídas:

As 19 horas, para o lugar do Outeiro; Às 20 Sobrado; 21 Paço; 22 Cruz; 23 Pousadas; 24 Cal e Quintães; 1 Igreja; 2 Casinhado, Crasto, Paço Velho, Veiga de Pena e Sobreira; 3h. Tornadouro e Requeixo; 4 h. S. Vicente; 5 h. Geira; 6 h. Roupeiro e Portelinha; 7 h. Pênas—com M. Rev. Arcipreste a presidir—Benção das Velas, 8 h. Missa comunhão geral com a Adoração das nossas ternas crianças.

Às 9 horas—Monte de Baixo e Rios; 10 h. Soutelo e Ribeira; 11 h. Freixeiro (1.ª parte); 12 h. Freixeiro (2.ª parte); 13 h. Morte de Cima; 14 h. Lugar Novo; 15 h. Juventude Masculino e Irmandade de S.ta Terezinha; 16 h. Juventude feminina e Irmandade de S.ta Filomena; 17 h. Confraria do SS.mo Sacramento e Adoração final; 18 h. Missa vespertina e encerramento.

A pregação está confiada ao nosso particular amigo e ilustre orador Sagrado P. Albino Pereira Salvador—benquisto Reitor de Minhotães, Barcelos, que aqui há tempos também pregou a Santa Missão.

As nossas briosas cantoras (18) vão executar a Missa difícil de N. S. do Sameiro a três vozes do Dr. Manuel Faria, ensaiada pelo nosso hábil organista Manuel José da Costa, distinto funcionário dos C.T.T. de Amares.

Finalmente temos intenção, de nestas solenes festividades solicitar de todos:

- 1.º Orações.
- 2.º esmolas.
- 3.º flores.
- 4.º União dos presentes com os ausentes.
- 5.º União do Clero entre si, com o M. Rev. Arcipreste com os Nosso Venerandos Prelados e com Sua Santidade o Papa João 23.
- 6.º A paz de Cristo no Reino e Cristo.
- 7.º E finalmente que o SS.mo e N. S. da Purificação ou N. S. da Luz, guie—abençoe, dê vida e luz, paz e progresso à Nossa freguesia de Caires, ao nosso amado concelho de Amares, ao nosso querido Portugal (Terra de Santa Maria e do SS.mo Sacramento:) Assim seja.—C.

# Tribuna Desportiva

## Vaticínio

A jornada do pretérito domingo, apresentou-nos um resultado sensacional. O Belenenses foi sofrer à Covilhã uma derrota que se não esperava, embora se anteviesse uma partida difícil para os azuis. Este jogo, que veio travar uma marcha curiosa do onze do Restelo, colocando-o a 3 pontos do guia, veio ainda como é natural reduzir o interesse pelo embate destas duas equipas, marcado pelo calendário para o próximo domingo. A diferença de um ponto que separava estes dois categorizados agrupamentos iria proporcionar uma luta emocionante, pois a verificar-se uma vitória azul, o Benfica seria ultrapassado. Assim, não. Vencendo os azuis, voltarão à primeira forma e vencendo os encarnados, o grupo da Cruz de Cristo ficará quase arredado do título. Não queremos, todavia, dizer com isto que o Benfica vencendo no domingo terá o título assegurado. Não. Será um bom passo em frente mas os encarnados têm ainda de contar com o F. C. do Porto que continua com fortes possibilidades para discutir a conquista da prova máxima do Futebol Português. Isto passa-se na frente. Quanto à rectaguarda, tudo é diferente. Queimam-se os últimos cartuchos e ainda não estão esclarecidas todas as vítimas deste torneio. Para já, o Caldas parece-nos fora de luta, dada a sua desesperada situação, continuando os restantes a tentar tudo o que for possível para a fuga ao lugar pouco invejáveis. A prova atingiu agora o ponto dominante. Luta, emoção, desespero e calma nos diferentes pontos da tabela. Analisemos a jornada que se avizinha. Os estudantes visitam Braga para defrontar o Sporting local. A Académica continua nos lugares perigosos e tudo fará para conseguir libertar-se. Nas suas deslocações à cidade minhota, costuma a turma escolar ser feliz. Recordamos a época finda em que venceram por 3-1 e jogando bem. Este ano julgamos que tudo será diferente. O Braga não se deixará surpreender e vencerá com certeza.

### BRAGA, 3 — ACADÉMICA, 1

Os campeões nacional, agora sem preocupações de mais, a não ser a remodelação do grupo, vão a Torres Vedras. O Torriense é apontado como uma das vítimas desta época. Conseguirão no próximo domingo bater o pé aos Leões? A juventude leonina agora lançada à luta o dirá e nós vamos apontar este resultado.

### TORRIENSE, 1 — SPORTING, 2

A Cuf desloca-se a Évora para defrontar o Lusitano. A

forças não são muito desneveladas mas os evorenses jogam em casa e é tudo.

### LUSITANO, 3 — CUF, 1

O Vitória de Guimarães vai até Setúbal para defrontar o Vitória. Não temos dúvida em afirmar que os Vimaraneses têm baixado o seu rendimento nestes últimos jogos. Não nos referimos somente à goleada sofrida frente ao F. C. do Porto, mas também aos jogos anteriores em que o grupo minhoto não tem rendido aquilo a que nos habituou. Os sadinos têm feito uma época brilhante e mais uma vez vincarão a sua superioridade.

### V. DE SETÚBAL, 2 — GUIMARÃES, 0

O F. C. do Porto recebe nas Antas o Caldas, último classificado. Não será mais ou nem menos do que uma jornada de descanso para os nortenhos que não encontrarão resistência para o seu onze. No entanto não se deve confiar demasiado.

### F. C. DO PORTO, 5 — CALDAS, 0

O Barreirense recebe o Sporting da Covilhã. O grupo serrano tem feito uma recuperação brilhante nestes últimos jogos e a vitória do

passado domingo frente ao Belenenses deve ter ampliado o moral da equipa. O Barreirense joga em casa e jogando nas suas características bairristas e de interesse pela luta, não deixarão que os leões da serra se adiantem no marcador.

### BARREIRENSE, 3 — COVILHÃ, 2

Finalmente, teremos o jogo da jornada. No Restelo vão medir forças dois grandes e isto quase dispensa comentários. Nestes jogos não há um vencedor antecipado, mesmo quando uma equipa entra diminuída na luta. Tecnicamente o grupo de Belém tem sido superior e quanto o Benfica, com tática mais produtiva tem jogado mais pela força, aproveitando o poder físico dos seus elementos.

Quem vencerá? Esperamos que ganhe o melhor, já que na primeira volta aconteceu precisamente o contrário. O Belenenses joga em casa. Isto pouca influência tem, a nosso ver, pelo menos aparentemente, pois jogar na Luz ou no Restelo é indiferente para qualquer das equipas. O público é sensivelmente o mesmo e os anos iguais. O jogar em casa dá apenas mais moral ao jogador, que sente mais força e melhor vontade de lutar. Seja o que for e surgir o que surgir, nós vamos pelo lado dos azuis, que na verdade têm sido melhores nesta prova.

### BELENENSES, 2 — BENFICA, 1

E pronto amigos; até domingo se Deus quizer.

M. JANELA

## TERRA DE MEUS SONHOS

### I

Quem como eu sempre chora  
As mágoas da sua vida,  
Lembrando-se da que adora.  
Sua terra flor querida.

### II

Planície, céu e montanha,  
Guardam a reliquia pura  
Como mármore, tamanha,  
De pequena sepultura.

### III

Nessa lage, lá no fundo,  
Encontra-se um anjo d'ouro;  
É o meu sonho profundo...  
«Vila de TERRAS DE BOURO».

### IV

És caso raro no Minho,  
Como oásis do deserto;  
Guarda-me aí um cantinho,  
No teu peito sempre aberto.

### V

Nos teus campos verdejantes,  
Ouvem-se belas canções;  
S' aí passam viajantes,  
Deixam lá os corações.

### VI

Teu «Homem» sempre a correr  
Canta tristes melodias,  
Com regatos a fazer  
Harpejos de sinfonias.

### VII

Tu és toda uma canção,  
Ó «Covas», que és imortal;  
Pois trazes no coração,  
Este nobre PORTUGAL.

Júlio da Silva Dias

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 17

(CONTINUAÇÃO)

Mas os lugares de *Cabenco, Cutelo, Logarinhos e Gilbarbedo* da de Cibões, com a de *Brufe* (Espírito Santo) constituíram mais tarde o antigo e minúsculo concelho de *Vila Garcia*, com sede em Gilbarbedo (por ter sido de algum fidalgo deste nome) a cujo solar pagava cada morador do lugar de Cabenco dois alqueires de pão e uma galinha. Era dos Abreus e ficou por morte de Leonel de Abreu a seu filho Lopo Gomes de Abreu. A filha e herdeira deste, D. Maria de Abreu e Noronha, que foi mulher de D. Fernando de Sottomaior, em Galiza, vendeu-o a um sobrinho, Luis de Sousa e Silva, que morava em Braga.

O pequeno concelho de Vila Garcia era da coroa; na comarca de Viana, ia ali um escrivão do termo de Regalados, por distribuição anual. O juiz era nomeado por seis homens — estes pelo povo.

Era, além disso, disperso, por pertencerem-lhe ainda a distância as freguesias de *Santa Maria de Mós*, antiga abadia da casa de Magalhães, da Ponte da Barca; *S. Mamede de Gondães*, vigairaria anexa a S. Pedro de Esqueiros, em Vila-Chã; *S. Claudio de Geme*, abadia que perderam os frades de Rendufe; *S. Tomé* ou *S. Lourenço de Lanhas*, vigairaria anexa à Comenda de Caldelas, e estas passaram depois ao de Vila-Verde.

Oliveira Freire, na sua *Descrição Corográfica* (1739) dá-lhe apenas quatro freguesias, 248 fogos e 732 habitantes.

Em 1875 foi extinto e entrou no julgado de Regalados, para logo depois, que se estabeleceu nova divisão administrativa por decreto de 18 de Março de 1842, ficar a pertencer ao concelho de Terras de Bouro, simplesmente na parte respeitante a Brufe e Cibões.

No lugar de Gilbarbedo conservaram-se por algum tempo as casas da câmara, do tribunal e cadeia, até que foram adquiridas por um tal João Ferreiro.

Por conseguinte, o concelho dantes era mais pequeno e até chegou a ser extinto por decreto de 14-VIII-1895, para de novo ser reconstituído. As freguesias, sitas na margem direita do Homem, ajudavam, como fica expresso, a conformar o de *Vila-Garcia*; as da margem do Cávado, Monte de Valdozende, pertenciam ao também extinto concelho de Santa Marta de Bouro.

P. Leal diz que se notava aqui uma falta absoluta de estradas do sistema moderno (1880) e os maus caminhos, de que dispunha, eram cheios de pedregulhos, barrancos e precipícios, por isso impossíveis de frequentar a indivíduos de outras paragens; acrescenta que em Portugal, só se sabia da existência deste concelho, pelos mapas.

Por este mesmo motivo se gorou a tentativa de uma primeira visita régia ao Gerês, quando D. Maria II e D. Fernando, estando em Viana, por Maio de 1852, aqui tencionavam chegar de liteira, em passeio que os fidalgos da Tapada proporcionavam à Família Real.

A falta, do mais rudimentar meio de acesso a estes pontos privilegiados da Natureza, era uma pura verdade e essa foi a principal razão de só tão tardiamente começarem a conhecer-se e tirar proveito dos reais benefícios de suas maravilhosas termas; como parte dessa mesma razão subsiste ainda quanto ao trajecto de Bouro ao Gerês, o qual já não preenche as condições que a moderna viação exige.

Com respeito, porém, às facilidades de atingir os pontos mais belos da serra, esses estão hoje ligados por uma rede de estradas e caminhos onde qualquer automóvel pode circular; e daí aos mais altos cômodos da montanha, em caminhada a pé e com as mais surpreendentes paisagens à vista, o visitante só dará por bem empregados o tempo e o sacrifício.

(Continua no próximo número)

## MÁQUINA

INFORMA-SE NA REDACÇÃO  
DESTE JORNAL

## REGISTADORA

SOBRE A VENDA DA  
MÁQUINA SUPRA, APENAS  
COM UM ANO DE  
USO.

## NATIONAL

EM ESTADO IMPECÁVEL  
Modelo Moderno

Visado pela C. de Censura

## Raciocínios à Segunda-feira... Equação: Filme-Emprego?!

Realmente as manhãs das segundas-feiras prestam-se ao «prejuízo» de uns minutos. Há sempre os assuntos de futebol, a fita cinematográfica, o passeio e as «conquistas» do fim de semana; enfim, mil e uma coisas que desopilam o fígado e acordam os nervos...

Pois, conta-se que num desses dias praxativos, um empregado de escritório resolvera deixar que os colegas palrassem outros assuntos, enquanto ele se dedicava—talvez inspirado naquela paródia de entrada—a fazer equações, não de matemática, mas que ele julgou das autênticas.

Matutou, filosofou e descobriu que a palavra *filme* equivalia à palavra *emprego*. Daí chegou às seguintes equações:

Título de filmes	=	Realidades da vida
Prisão sem grades	=	O Escritório
Adeus à vida	=	A chegada ao empregado
Sombras sinistras	=	Os Chefes
O rei do Ouro	=	O Caixa
O sinal do Zorro	=	A assinatura do chefe
As mulheres não são anjos	=	As dactilógrafas e telefonistas
O Hotel dos sarilhos	=	O ficheiro
Sublime obsessão	=	Horas extraordinárias
Que belo é viver	=	Ausência dos chefes
Um dia nas corridas	=	A saída do emprego
Redenção	=	Sábado
Aterragem forçada	=	Segunda-feira
O grande escândalo	=	O ordenado
Heróis à Força	=	Viver do ordenado
Agarra esse Fantasma	=	A gratificação
Sonhar não custa	=	O aumento
A gasolina acabou	=	O dia 19 do mês
Sangue, suor e lágrimas	=	Os concursos
Agulhas & Etc.	=	Bico calado

Para os fins que os leitores acharem convenientes aqui fica à disposição o trabalhinho do «artista». Ignora-se quem seja e qual a sua morada. No entanto, reservam-se os direitos de reprodução, não vá o diabo tecer das suas...

Deve ter graça e não ofende!...

B. Ribeiro

Tipografia e  
Encadernação  
Papellaria  
e Livraria



Sede: Largo do  
Dr. Oliveira  
Salazar  
AMARES

## Tribuna de Vila Verde

### O Orfeão Vilaverdense comemorou o seu 1.º aniversário

No dia 25 do corrente, comemorou o Orfeão Vilaverdense o seu 1.º aniversário. Este Orfeão, integrado na Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde, é dirigido pelo digníssimo Chefe de Secção do Tribunal Judicial desta Comarca, Mário Mendes Galinha, que também é componente da Direcção da Sociedade de Educação e Recreio.

Graças ao senhor Mendes Galinha, o Orfeão atingiu um nível cultural e artístico, que excede muito todas as previsões.

Por motivos da passagem do seu 1.º aniversário, o Orfeão realizou um sarau artístico no salão da Sede da Sociedade de Educação e Recreio, encontrando-se este repleto de espectadores, ficando, talvez, mais pessoas fora do salão do que as que este pode comportar, motivo por que o Orfeão se exhibirá novamente, em datas próximas, mesmo porque, até aqueles que assistiram ao deslumbrante espectáculo reclamam que ele se repita.

O Sarau constou de três partes distintas:

Na 1.ª parte, exhibiu-se o Orfeão, composto por quarenta figuras, apresentando um novo e aprazível reportório;

Na 2.ª parte, exhibiu-se o quarteto Rodrigues, de Soutelo, que encantou a assistência com a sua fina execução;

Na 3.ª parte, a expectativa era grande, para apreciar, pe-

primeira vez, o Grupo Folclórico de Vila Verde, com os seus trajes regionais, recentemente adquiridos, que são de grande luzimento, como de grande luzimento e brilho foram todos os números por si exibidos, podendo afirmar-se que este grupo está à altura dos melhores grupos Nacionais congêneres. Todos os números exibidos nas três partes foram deliberadamente aplaudidos por todos os espectadores, e até, por centenas de pessoas que, na impossibilidade de conseguir lugar dentro do espaçoso salão, se mantiveram fora e junto dele até ao fim.

Na verdade, o conjunto atingiu um nível que a todos surpreendeu, graças à orientação dada pelo senhor Mendes Galinha e ao espírito compreensivo de todos os componentes. E assim, muito há a esperar deste jovem agrupamento.

Gosta Pinheiro

### Cortejo de Oferendas

No dia 8 de Fevereiro próximo realizar-se-á um grandioso cortejo de oferendas na freguesia de Goães, deste concelho de Vila Verde, em benefício das obras da Igreja Paroquial, que devido aos esforços da Comissão organizadora, espera-se que atinja grande esplendor. Nêle desfilarão muitos carros com valiosas ofertas e devidamente enfeitados dentro do gosto regional. Grupos com trajes regionais e cantares folclóricos. Altifalantes abrilhantarão a festividade e prestarão serviços de informação.

Haverá camionetas com carreiras eventuais de Vila Verde até ao ângulo 40 e vice-versa, desde as 12 horas até ao anoitecer.

Assina e propaga  
a «Tribuna Livre»

### Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos.  
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Folhetim de «Tribuna Livre», 94

## SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

A sua permanente convivência é iluminada por uma radiosa e prefulgente alegria e no seu lar, perfumado e florido, há sempre o clorido dos seus sorrisos, a suavidade da sua ternura e o calor do seu amor.

Haverá, Ambrósio, dinheiro que seja capaz de ofuscar essa felicidade, tecida de luz, de harmonia e de amor?

— Leopoldina, ouvi-te com toda a atenção.

Não digo que seja, daqui para o futuro, o homem que constancie o vivo exemplo que sirva de padrão aos outros homens, mas confesso, que tens razão e, por isso, dentro das minhas possibilidades, vou tentar aproximar-me, tanto quanto possível dos teus desejos, tornando a nossa casa um lar onde te sintas a esposa e a senhora, em vez de governanta e da escrava, como tantas vezes me tens dito.

— É a nossa vida mudará, como que por encanto, aproximando-nos e tornando-nos felizes.

— Sempre que me desvie, levado pela ambição do dinheiro, chama-me à atenção e eu prometo retomar o caminho que nos conduza à tal felicidade que preconizas e apregoas.

Para te ver satisfeita, submeter-me-ei a ser feliz... à força!

— Se cumprires a promessa que me acabas de fazer, dentro de poucos meses não quererás outra felicidade — pois a felicidade só se desfruta quando marido e mulher vivem um para o outro... e os dois para os seus filhos.

Essa é que é a felicidade... e o resto nada vale em relação à alegria, ao prazer e à ternura que são a verdadeira pedra de toque do lar.

\* \* \*

Depois das podas e quando principia a folhagem, a vinha, por precaução preventiva, é enxofrada e sulfatada.

O enxoframento é feito por meio da enxofradeira, aparelho de folha que tem na extremidade inferior uns foles e, pouco acima, um depósito, onde se deita o enxofre, e quando a vinha é alta utilizam-se uns tobos de folha que se vão sobrepondo uns aos outros, conforme a necessidade.

Essa operação é simples, mas tem o inconveniente de cair o enxofre nos olhos do enxofrador e para obstar a isso, muitos utilizam óculos.

A sulfatagem é mais trabalhosa e demorada.

O lavrador, na vespra, deita uma porção de sulfato metálico na água, para o dissolver, e com um pau, mexendo, abrevia essa dissolução.

Por outro lado, deita cal virgem numa barrica e depois, a pouco e pouco, vai-lhe deitando água; do contacto da água com a cal resulta uma temperatura elevada que queima horrivelmente, se alguém tiver a infelicidade de ser atingido por qualquer porção dessa substância.

Depois da cal quei nada (é o termo usado...) adiciona-se-lhe a água precisa para o efeito em vista.

O lavrador junta uma parte de cal à porção de sulfato dissolvido e mexe de forma até ficarem devidamente ligadas as duas substâncias na calda desejada.

(CONTINUA)